COMPREENDENDO A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO

THAÍS SANTOS DE ARAÚJO

Resumo

Este artigo apresenta aos leitores uma reflexão diante dos processos de alfabetização e letramento, pois nessa nova realidade em que vivemos não basta apenas saber ler e escrever, mais é preciso também apropriar-se dessa leitura e escrita de modo que possa levar a uma transformação do indivíduo, ampliando a sua visão de mundo, modificando a sua condição social, e assim responder as exigências que a sociedade faz continuamente. Dessa maneira, este trabalho aborda a trajetória da alfabetização falando dos seus métodos, da ampliação do seu significado e de sua utilização nos dias atuais. Também trata sobre o surgimento do letramento e sua utilização em sala de aula, mostrando que a aprendizagem da criança não deve ser somente de forma mecânica, mas também que ela possa se apropriar da leitura e da escrita com compreensão, utilizando essas habilidades em suas práticas sociais. Acredito que se bem utilizadas essas informações não só ajudarão os professores a melhorar a sua prática pedagógica como também proporcionarão outra visão do processo de alfabetização.

Palavras-Chave: Alfabetização, Letramento, Leitura e Escrita, Transformação do Indivíduo e Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This article presents readers with a reflection on the processes of literacy and literacy, because in this new reality in which we live, it is not enough just to know how to read and write, but it is also necessary to appropriate this reading and writing in a way that can lead to a transformation of the individual, broadening their worldview, modifying their social condition, and thus responding to the demands that society continuously makes. In this way, this work addresses the trajectory of literacy speaking about its methods, the expansion of its meaning and its use in the present day. It also deals with the emergence of literacy and its use in the classroom, showing that children's learning should not only be mechanical, but also that they can appropriate reading and writing with understanding, using these skills in their practices. social. I believe that if this information is well used, it will not only help teachers to improve their pedagogical practice, but will also provide another vision of the literacy process.

Keywords: Literacy, Literacy, Reading and Writing, Transformation of the Individual and Pedagogical Practice.

Introdução

Diante desse fato, em que saber ler e escrever é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder às demandas de hoje, este artigo surge a partir da seguinte pergunta: Letrar é mais que alfabetizar? Já que para alguns autores letramento é mais amplo que alfabetização e para outros os dois são equivalentes.

Ambos os termos tem aparecido nos discursos dos educadores, mas sem a clareza conceitual necessária que se evidencie numa prática coerente. Com isso nosso objetivo nesse trabalho foi conceituar o que é alfabetização e letramento, mostrando como o educador pode fazer uso do conhecimento do mundo que o educando possui e sua relação com a língua escrita, abandonando assim métodos repetitivos e levando o aluno a praticar socialmente a leitura e a escrita de forma criativa, descobridora, autônoma, ativa, ou seja, lendo e entendendo o que lê.

Essa pesquisa possibilitou uma reflexão sobre a visão de mundo e principalmente o entendimento de saber ler e escrever, pois isso abre caminho para o indivíduo estabelecer conhecimento da sociedade em que vive.

Surgimento da alfabetização

A escrita surgiu segundo Cagliari (1998), quando o homem para contar os rebanhos que possuía, fazia marcas em cajados ou ossos, usando esses registros nas vendas e trocas. Neste processo, além dos números ele precisava inventar símbolos para os produtos e para os nomes dos proprietários.

Desta forma ser alfabetizado nessa época significava saber ler o que aqueles signos significavam e ser capaz de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto.

Com o tempo, a escrita expandiu-se na sociedade que passou a utilizar o sistema de símbolos não mais para representar coisas, e sim os sons da fala, como por exemplo, as sílabas. Junto a esse processo de invenção da escrita está a invenção das regras de alfabetização, ajudando o leitor decifrar o que estava escrito e saber utilizar o sistema de escrita adequadamente.

Sendo assim, a alfabetização antigamente em geral ocorria menos nas escolas e mais em casa, ou seja, quem sabia ler ensinava a quem não sabia, mostrando o valor fonético das letras do alfabeto, a forma ortográfica das letras e suas variações.

A sociedade ao usar cada vez mais a escrita, e ao produzir livros escritos à mão, fez

com que o alfabeto passasse a ter formas variantes de representação das letras, como por exemplo o surgimento das letras minúsculas como forma gráfica diferente das letras antigas que passaram a chamar-se maiúsculas.

Desta forma, no processo de alfabetização já não bastava mais saber o alfabeto, mas também cabia ao indivíduo saber fazer a categorização correta das formas gráficas, reconhecendo a que categoria pertencia cada letra encontrada nas diferentes manifestações gráficas.

Métodos de alfabetização

Métodos Sintéticos

Segundo Mortatti (2000 p.14), no Brasil, historicamente as

reflexões/discussões sobre os métodos de alfabetização centraram-se nas suas eficácias, gerando confrontos entre seus defensores que buscavam superar os problemas na sala de aula e facilitar o processo de aprendizagem.

Os métodos de alfabetização estão situados em dois grandes grupos: os métodos sintéticos e os métodos analíticos, que determinaram por muito tempo o sistema de ensino da leitura e escrita.

De acordo com Mortatti:

Os métodos sintéticos foram desenvolvidos e aplicados num momento que a escola, uma instituição que estava sendo inicialmente organizada, apresentava precárias condições de funcionamento e em virtude de diversos aspectos, entre eles, as dificuldades de utilização e de manutenção e do alto custo do material para escrita, priorizava o ensino da leitura. (MORTATTI, 2006 P. 56

Ainda segundo Mortatti (2006) para o desenvolvimento da leitura eram utilizados os métodos alfabéticos, fônico e silábico.

No método alfabético ou de soletração a unidade principal é a letra, e de acordo com Frade:

O método alfabético ou soletração inicia-se pela decoração oral das letras do alfabeto, seu reconhecimento posterior em pequenas seqüências e numa seqüência de todo o alfabeto e, finalmente, de letras isoladas. Em seguida a decoração de todos os casos possíveis de combinações silábicas, que eram memorizadas sem que se estabelecesse a relação entre o que era reconhecido graficamente e o que as letras representavam, ou seja, a fala. (FRADE, 2007 p.22)

No entanto, por ser desenvolvido através de inúmeros exercícios que afastavam o aluno do texto e da compreensão do que estava sendo ensinado, este método passou aos poucos a ser eliminado e substituído por outros que se apresentavam com mais eficiência, assim passou-se a utilizar o método fônico.

O método fônico apresentou algumas vantagens, pois ao relacionar fonema e a escrita, fazia com que a aprendizagem acontecesse de forma rápida e satisfatória, porém não foi o suficiente pra superar problemas relacionados à aprendizagem, sendo desenvolvido o método silábico.

Segundo Mortatti (2006) o método silábico utiliza como unidade principal a sílaba e isto possibilita uma melhor relação de segmentos de fala com os da escrita.

Deste modo, o ensino da leitura e da escrita se baseavam-se em uma perspectiva de ensino baseada no treino e na repetição, bem como a leitura mecânica que se dá por meio da decodificação do código escrito.

Métodos Analíticos

O método analítico, conforme Frade (2007 p.26), rompe com o processo de decifração e propõe formas de trabalho que priorizam a análise e compreensão,

"defendendo a inteireza do fenômeno da língua e do processo de percepção infantil".

Sua unidade de análise é a palavra, a frase e o texto, iniciando com a compreensão global para depois analisar as unidades menores.

Segundo Mortatti (2006) o processo do método analítico pode ser por:

palavração, sentenciação e historieta como núcleo de sentido e ponto de partida para o ensino da leitura.

Na palavração as palavras são apresentadas de forma agrupada e geralmente, seu ensino parte do pressuposto de que os alunos aprendem a conhecê-las através da memorização de sua configuração gráfica.

De acordo com Frade (2007), as atividades são desenvolvidas tendo como procedimento o uso de cartões de fixação, em que relacionam-se palavras e gravuras, também são utilizados exercícios sinestésicos para o movimento da escrita de cada palavra.

Na sentenciação a unidade central é a sentença, que após ser trabalhada e reconhecida globalmente, passa a ser decomposta em palavras e depois em sílabas.

Segundo Rizzo (1986) o método de sentenciação apresenta algumas vantagens em sua utilização como à de atender os princípios mais avançados de aprendizagem da época, mas também apresenta suas desvantagens, como a ênfase na memorização ao invés da análise.

No processo baseado na historieta a

unidade de análise é o texto, e segundo Mortatti (2006) é considerada uma extensão do método de sentenciação.

Primeiramente é realizada a leitura do texto para posterior reconhecimento das sentenças, das palavras e finalmente das sílabas.

Método baseado nos estudos de Paulo Freire

Consiste em uma proposta para a alfabetização desenvolvida pelo o educador Paulo Freire. É uma que ao sistema tradicional que utilizava as cartilhas para o ensino da leitura e da escrita. As cartilhas ensinavam pelo método da repetição de palavras soltas ou de frases criadas.

Segundo Brandão:

Paulo Freire pensou em um método de alfabetização construído em cima da idéia de um diálogo entre educador e educando, onde há sempre partes de cada um no outro, trazendo pronto do seu mundo, dos seus saberes o seu método e o material da fala dele. (BRANDÃO, 1996 p. 21)

O processo proposto por Paulo Freire iniciava-se pelo levantamento do universo vocabular dos alunos, selecionando as palavras que servirão de base para as lições. Depois de composto o universo das palavras, passa – se a exercitá-las com a participação do grupo.

Em seguida, cada palavra é estudada através da divisão silábica. Cada sílaba se desdobra em suas respectivas famílias silábicas, com a mudança da vogal. O passo seguinte é a formação de palavras novas, usando as famílias silábicas agora conhecidas.

Significado da Alfabetização

A alfabetização até recentemente tinha um significado consensual entre nós, ou seja, significava um processo de ensinar e aprender a ler e escrever.

Sendo assim, bastava associar sons e letras para interpretar e produzir palavras ou frases curtas, diferenciando assim o alfabetizado do analfabeto.

Mas, hoje é possível encontrar um outro conceito para a alfabetização. De acordo com Giroux:

Dentro do atual contexto, a alfabetização é definida principalmente em termos mecânicos e funcionais. Por um lado, é reduzido ao domínio de 'habilidades' fundamentais. Neste caso, é representada como 'determinadas habilidades' para usar a linguagem escrita, o que inclui tanto as habilidades relativas a linguagem escrita, como um segundo sistema representacional para a linguagem falada e uma memória visual, externa. Por outro lado, torna-se completamente subjugada à lógica e as necessidades do capital e o seu valor é definido e medido pelas exigências daquelas habilidades de ler e escrever necessárias para a expansão do processo de trabalho envolvido na produção em massa de informação, comunicação e finanças. (GIROUX1983, p.57)

Dentro desta perpesctiva, a alfabetização é considerada como um processo permanente, que se estenderia por toda a vida e não se esgotaria na aprendizagem da leitura e da escrita.

Segundo Paulo Freire (1991, p. 68) a alfabetização tem um significado mais abrangente na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois enquanto prática discursiva, "possibilita uma leitura crítica da realidade, constituindo-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforçando o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social".

De acordo com o último conceito proposto pela a UNESCO a alfabetização permitiu uma participação maior na sociedade e o cidadão pode construir um significado para o que ele escreve e lê, utilizando-a no seu dia–a-dia.

Embora o debate em relação ao conceito de alfabetização desenvolva-se em torno dos seus dois pontos de vista: processo mecânico e processo de ler e escrever com compreensão há um terceiro ponto de vista tão importante quanto os anteriores, que relaciona o conceito de alfabetização ao aspecto social.

Cada sociedade alfabetiza-se de acordo com a sua cultura. Enquanto algumas iniciam o processo de alfabetização mais cedo, por exemplo, aos quatro e aos cinco anos outras como é o caso da nossa sociedade, muitas vezes aos sete anos não se espera que uma criança esteja alfabetizada.

Então não existe uma definição para o conceito de alfabetização, pois ele sofre influências das abordagens mecânicas do ler e escrever, do uso da língua escrita e oral como meio de expressão e compreensão, como também do aspecto social. Somente teremos uma definição concreta se incluirmos os três aspectos acima citados.

Alfabetização no contexto atual

Mortatti (2006) relata que a partir de 1980 foram divulgados os resultados das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a psicogênese da língua escrita, que influenciaram de forma significativa a elaboração de proposta de alfabetização de todo o país.

De acordo ainda com Mortatti:

Introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma "revolução conceitual", demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. (MORTATTI, 2007 p. 10):

Desta maneira percebeu-se que é através do contato da criança nas práticas sociais de leitura e escrita que a alfabetização ocorre, não sendo necessária a correspondência entre o fonema e o grafema ou da consciência fonológica, pois são conseqüências da evolução do processo de aprendizagem.

Os apontamentos do pensamento construtivista levaram os estudiosos a considerar que a criança não começa a aprender apenas quando ingressa na escola, mas antes, no contato com o meio social; que aprendizagem não ocorre apenas por meio do processo mecânico, mas são as experiências com o ler e escrever que possibilitaram a ampliação dos seus conhecimentos.

E foi assim que o conceito de alfabetização evoluiu, surgindo então o termo letramento para dar uma abrangência ainda maior a este significado.

LETRAMENTO

A palavra letramento é a versão para o português da palavra da língua inglesa literacy.

Segundo Soares:

Etimologicamente a palavra literacy vem do latim littera (letra), e significa estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever.

Implícita nesse conceito está à idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para grupo social em que seja introduzida, quer para o individuo que aprende a usar. (SOARES, 2006 p.17)

Sendo assim, quando o individuo ou a sociedade como um todo aprende a ler e a escrever, há uma mudança no modo de vida e na condição que eles tinham.

A escola e o letramento

O sistema escolar é o responsável por promover o letramento e segundo

Soares apud Cook Gumperz (2006 p.16) "é consenso social, nos dias de hoje, que o letramento é tanto objetivo quanto o produto da escolarização".

Também de acordo com Soares:

A uma evidente correlação entre letramento e escolarização, ou que a escolarização é fator decisivo na promoção dessa prática, já que, por influencia da antiga organização do ensino tem-se tradicionalmente considerado à conclusão da 4ª série do ensino fundamental, como etapa obrigatória e suficiente para formação do cidadão, e correspondente a nível satisfatório do letramento. (SOARES, 2003 p.97)

Portanto, a escola ao desenvolver a leitura e a escrita tem que procurar relacionar ambas ao contexto social em que o aluno está inserido, procurando assim exercer o papel do letramento.

Assim, mais do que aprender a ler e a escrever, as crianças precisam enxergar a leitura e a escrita em sua função social, para que tomem posse e faça uso competente destas funções.

Daí a importância que a escola exerce quando utiliza os meios necessários para desenvolver o letramento em seus alunos.

Para que não haja confusões e para que realmente os alunos possam adquirir conhecimentos que venham a ser úteis também no seu dia a dia na sociedade, é extremamente importante os professores terem o conhecimento tanto da teoria da alfabetização e do letramento quanto das suas práticas de ensino, fazendo assim a articulação entre ambos.

O letramento em contextos escolares nem sempre condizem com as habilidades de leitura e escrita relacionados as práticas sociais necessárias fora das paredes da escola. Sabendo que a escola é responsável por constituir as regras e normas que ordenam o processo de aprendizagem, devemos nos preocupar com a qualidade com que se ensina a leitura e a escrita no seu âmbito.

Assim, é necessário propiciar alternativas pedagógicas que, venha auxiliar os professores em suas práticas, buscando compreender e refletir tanto os questionamentos desses professores sobre o seu próprio fazer, como também compreender os limites encontrados e as possibilidades para que ocorra os processos de alfabetização e letramento dentro do contexto escolar.

Segundo Freire (1996, p.42) "a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com

quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado".

Nessa prática de levar o aluno a compreensão do que está lendo e escrevendo, o educador deve utilizar o cotidiano do mesmo e o que está presente em seu meio, para que ele venha se familiarizar e entender a importância do letramento.

Dessa forma o professor na sala de aula tem que ser um mediador, partindo da observação da realidade para, em seguida, propor respostas diante dela, assim ele estará contribuindo para a formação de alunos críticos e participativos na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante toda a elaboração deste artigo, ficou evidente que aprender a ler e escrever não é apenas conhecer as letras e decodificá-las, mas também usar essas habilidades nos contextos sociais, ou seja, nas diversas situações que aparecem no dia a dia.

A alfabetização não pode ser considerada um processo estagnado, mas sim um processo contínuo, que leve o educando a letrar-se, ou seja, proporcionando a ele capacidades, competências, habilidades diversas para que este se envolva com as variadas demandas sociais.

Dessa maneira letrar é mais que alfabetizar, já que leva o indivíduo ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita e inicia-se antes da alfabetização, a partir do momento que ele nasce e começa a interagir com as práticas de letramento no meio social em que vive. Enquanto que alfabetizar leva o indivíduo apenas ao domínio da tecnologia da escrita.

Mas ambos os processos, não podem ser vistos como processos distintos, ao contrário eles se complementam e para nós, a alfabetização é um componente do letramento e o educador deve unir ambos na sala de aula.

Não podemos desmerecer a importância de ensinar a ler e a escrever, pois é uma aquisição necessária e imprescindível para a entrada no mundo da escrita, mas também não se podemos esquecer que essa aprendizagem deve levar ao exercício das práticas sociais.

Com isso, o educador estará orientando para que o educando aprenda a ler e escrever e levando-o a conviver com práticas reais de leitura escrita, ou seja, o contato com o letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é método Paulo Freire. 20. ed. São Paulo:

Brasiliense,1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização sem o bá-bé-bí-bó-bú. 7. ed. São Paulo:

Scipione, 1998.

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre teoria e prática.

Petrópolis: Vozes, 2005.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. MACIEL, Francisca Isabel Pereira. MARTINS, Raquel Márcia Fontes. Alfabetização e Letramento na sala de aula. 2. ed. Belo Horizonte:

Ceale, 2008.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. In: ANTUNES, Helenise Sangoi (Org.) Dossiê Alfabetização e Letramento. Educação:

Revista do Centro de Educação, Santa Maria, nº1, Vol. 32, UFSM, 2007.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.

São Paulo: Autores Associados, 1991.

––––––. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KLEIMAN, Ângela B. Os significados do letramento: Uma nova perspectiva sobre as práticas social da escrita. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 1995. LERNER, D. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Art Méd, 2002.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Educação e Letramento. São Paulo: UNESP, 2004.

VIDAL, Elaine Cristina Rodrigues Gomes. Alfabetização e letramento na sala de aula. Disponível em <http://www.grubas.com.br/datafilis/publicações/subsidios/18/22/fis%20a%20Brasil%20e%20agora.doc.>.